



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12268 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

FLECHA LANÇADA: AS SALAS DE AULA COMO TERRITÓRIOS DE REINVENÇÃO
Breno Felipe Araujo de Oliveira Gomes - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pamela Souza da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aldo Victorio Filho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

FLECHA LANÇADA: AS SALAS DE AULA COMO TERRITÓRIOS DE REINVENÇÃO

O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê. (CORAZZA, 2012)

Este trabalho é um exercício de experimentação de escrita do que vivemos a partir da confluência e intersecção dos nossos corpos, ensejos discursivos, práticas e tudo o que acumulamos e emerge em nossas pesquisas. Modos investigativos de criação de mundos, modos de existir e ferramentas de enfrentamento aos regimes de verdades que sustentam paradigmas colonialistas como o racismo e demais elementos da desigualdade social que atravessam as escolas. Nossas reflexões anelam centralmente questões relacionadas à representação nas Artes e na Cultura Visual na recorrente tensão entre a cultura hegemônica, tradicional, vetusta, e a eterna novidade decorrente da profusão de desejo, sempre revigorante, das juventudes nas escolas públicas populares. Evitando não nos ancorar em certezas

definitivas de uma pesquisa assertiva, nosso objetivo é oferecer o percurso da nossa reflexão, assim, podemos dizer que partimos das experiências apontadas, das vivências e relatos de vivências partilhados sobre e de escolas do Rio de Janeiro.

A educação, a formação cidadã, ou humana, que caberia à educação escolar, parece-nos acontecer dentro de espaços de embate e criação de entendimentos. O resultado, certamente aprazível, quanto à sua dimensão poética e estética, que procuramos dentro desses espaços seriam as pistas da educação, que na satisfação no *babelismo didático* de diferença e abertura, passagens e transposições, pluralidade e multiplicidade de influências marcaria a Didática e o Currículo como territórios *transdisciplinares, translinguísticos, transemióticos, transliterários, transartísticos, transculturais e transpensamentais* (CORAZZA, 2016). Trata-se de considerar os percursos melindrosos e os percursos não mapeados, antes de jogar-se no escuro, estar pronto para o invisível. Munidos pelo currículo, pelo plano de aula, pelo corpo e os substratos de suas experiências, apostamos que a educação só se realiza em relação ao outro, pelo outro e para o outro.

Certamente que o que não se vê, se dá, simplesmente por não ser compreendido, considerado a partir da percepção de nossos corpos. Afinal, localizamos o que nos afeta e ultrapassa nossas redomas de preconceitos, de desatenção e anemia de memórias, quando vemos o que nos diz respeito, o que cheira como os nossos desejos, o que vibra com as nossas intenções e aspirações. Falar sobre e com o outro, uníssono com o outro, é ativar/criar memórias, cujo sentido no Brasil está inelutavelmente anelado às heranças africanas e indígenas. Heranças que nos deram corpos e cores, sensibilidades específicas e entre tantos outros valores saberes de que o que temos e trazemos no que somos. Para fazer emergir a grandeza e magnitude das aludidas heranças é fundamental ampliar e reordenar nossas possibilidades de percepção. Dentre os meios de fazê-lo é preciso vencer as armadilhas e obstáculos da modernidade/colonialidade (COSTA, TORRES e GROSGOUEL.2020).

A memória da vida pessoal como experiência coletiva produz nossos imaginários e permite a travessia das realidades adversas. Na escola dos estudantes, espaço de invenção, na qual as experiências estéticas e poéticas, do cuidado de si às formulações identitárias, agregam intenções e oferecem conhecimento significativo à atualização das escolas dos professores e de suas ações. Tais intenções reconfiguram modos de alcançar a autonomia frente às práticas de poder que a institucionalidade escolar afirma. Estudantes nos ensinam o valor epistêmico e a relevância dos aspectos poéticos das práticas cotidianas e no que toca centralmente o ensino da arte, somos levados a repensar as tradições e as contradições dos percursos e percalços dos currículos, comprometimentos e aspirações das Artes na educação básica.

Na prática do ensino da arte as propostas realizadas individualmente não escamoteiam a interação e a participação dos demais envolvidos na atividade, sejam os presentes, sejam os afetos e afetações trazidos por todos. A interação colaborativa se inscreve em um dos propósitos maiores da educação formal, que é o investimento na formação democrática que, por sua vez, evidencia que o mérito individual só é digno de reconhecimento na articulação com o coletivo. Em outros termos, toda criação que emerge na dependência das redes de alteridade (e qual criação humana assim não emergiria?) É patrimônio coletivo, portanto, demandaria preservação e defesa de valorações meritocráticas e demais hierarquizações.

Bell Hooks afirma que ensinar é um ato teatral e esse aspecto pode nos proporcionar a possibilidade da mudança. A invenção e as trocas espontâneas, o trânsito e o tempo presente como um dos elementos ativos no cotidiano escolar, as adversidades das práticas (HOOKS, 2017). E o aspecto teatral do ensino, para acontecer, precisa de uma plateia, e esta plateia existe na interação e reciprocidade.

No trânsito entre as tantas escolas que habitam a escola, escolher por nossas vidas, alunes, profes, funcionáries e comunidade, pode significar assumir a responsabilidade pela transformação como processo pedagógico e a felicidade de acolher no cotidiano produções estéticas inseparáveis das movimentações emancipatórias, geradas em consonância com impulsos ou intentos libertadores como toda criação e ação poética o é. Assim, se torna possível experimentar as aproximações e participar da elaboração coletiva de meios de enfrentamentos ao assédio das imagens visuais e pensar novos sentidos éticos, estéticos e políticos da beleza como produção e exercício da autonomia diante das práticas de poder que nos amedrontam, ameaçam e contaminam e, sob muitos aspectos, também enredam o cotidiano escolar. Nossa intenção, poético investigativa, aponta que as práticas docentes podem facilitar o desafio de estar onde não se escolheu estar, de fazer o que nem se sabe as razões e implicações e conviver com o estranhamento da companhia sempre diversa. Tudo em uma sala sempre cheia (CORAZZA, 2012), além do antes e do depois da aula, meio às dimensões e implicações de todos os condicionantes e do que não está condicionado.

Palavras-chave: Pesquisa com os cotidianos; Cultura Visual; Ensino da Arte;

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre, 2012.

_____. A vontade de potência do professor-artistador: currículo e didática da tradução. Reunião cinetífica regional da ANPED: educação, movimento social e políticas governamentais. UFPR. Trabalho encomendado. Curitiba, 2016.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.55-77. (Coleção cultura negra e identidade).

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.